



Feliz Natal
e um Bom
Ano Novo

Plantas da Nossa Terra

Azevinho



Catarina Lima

O azevinho (*Ilex aquifolium*) é uma árvore ou arbusto de folha persistente e porte médio (pode atingir cerca de 15 m) que pertence à família das *Aquifoliaceae*. Possui uma copa larga e densa e cresce nos matos, bosques, sebes e vales da Europa Ocidental e Central. A casca do tronco é lisa e esverdeada e as folhas têm uma forma oblonga e são alternadas, rígidas e muito reluzentes, com dentes espinhosos que tendem a desaparecer com a idade. As flores têm uma cor branca-rosada e nascem solitárias nas zonas de inserção das folhas.

O seu fruto é carnudo, muito apelativo devido à sua cor vermelha ou amarela viva e amadurece em Outubro, mas mantém-se na árvore durante muito tempo. Não são comestíveis, chegando mesmo a ser tóxi-

cos; vinte bagas podem ser mortais para um adulto, bem como as folhas.

É chamada uma “árvore de sombra”, pois suporta o coberto de árvores maiores. Indiferente ao tipo de solo tem a constante de preferir estações com pluviosidade alta ou média, bem como altitudes não indo além dos 1300 m.

Encontra-se no norte da Península Ibérica em bosques de carvalhos, em companhia de faias, azinheiras e pinheiros, nas zonas menos degradadas

Renova bem pelo cepo, podendo viver cerca de 300 anos.

É cultivada como planta ornamental, usada principalmente para adornos natalícios. A sua procura para este fim foi tão intensa que acabou por levar à proibição da sua recolha no nosso país, sendo hoje bastante rara enquanto planta espontânea.

A sua madeira é de cor branca ou acinzentada, de textura fina e uniforme. É muito pesada e dura, sendo difícil de trabalhar, mas é muito boa como combustível para lareiras.

É uma espécie muito utilizada para sebes por suportar muito bem as podas.

Tem também algumas utilizações medicinais. Às suas folhas são atribuídas propriedades diuréticas e os frutos são purgantes e provocam o vômito.

Bibliografia:

<http://nurlink.sapo.pt/Natureza-e-Ambiente/Fichas-de-Especies/content/Azevinho-um-simbolo-natalicio-ameacado?bl=1&viewall=true>
<http://arvoresdeportugal.free.fr/IndexArboretum/Ficha%20AzevinhoIlexaquifolium.htm>
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Azevinho>

**Decar, Móveis e Carpintaria**

Cozinhas | Quartos | Salas

Parquet flutuante | Soalhos | Forros

Todo o tipo de mobiliário por medida

Celestino Araújo Alves

278615060 | 961867993 | 912093010

Rua Tinta Barroca n.º 74 | 5140-353 Carrazeda de Ansiães

**JMLIMA**
soc. mediação de seguros

José Lima

TM.: 91 943 55 56
jmlima.seguros@sapo.pt
www.jmlimaseguros.comRua Bombeiros Voluntários, 196
5140-060 CARRAZEDA DE ANSIÃES
T.: 278 616 218 F.: 278 617 953

FICHA TÉCNICA**Nome**

O Pombal

PropriedadeAssociação Recreativa e Cultural
de Pombal de Ansiões**Nº de Pessoa Coletiva**

500 798 001

Publicação Registada na D.G.C.S.

122017

Depósito Legal

129192/98

Diretora

Fernanda Natália Lopes Pereira

Paginação e Composição

João Miguel Almeida Magalhães

Redação e ImpressãoLargo da Igreja, 1 - Pombal de Ansiões
5140-222 Pombal CRZ
Telef. 278 669 199 * Fax: 278 669 199
E-mail: jornal@arcpa.pt**Home Page**<http://www.arcpa.pt>**Redatores**

Tiago Baltazar; Patrícia Pinto; Liliana Carvalho.

Fotografia

Fernando Figueiredo; Eduardo Teixeira; Fernanda Natália

ColaboradoresVitor Lima; Fernando Figueiredo;
Fernando Campos Gouveia; Flora Teixeira; Manuel Barreiras
Pinto; Catarina Lima; Aníbal Gonçalves; José Mesquita; João
Matos; Carlos Fiúza; Fátima Santos; Adriana Teixeira; Maria
João Neto; Raúl Lima; Rui Magalhães; Fernanda Cardoso.
(Os artigos assinados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores)**Tiragem Média**

500 Exemplos

PreçoO jornal O POMBAL é gratuito para os
residentes em Pombal de Ansiões
Assinatura Anual (Sócios)
Portugal: 8,00 Euros;
Europa: 18,00 Euros;
Resto do Mundo: 25,00 Euros
Assinatura Anual (Não Sócios)
Portugal: 12,00 Euros; Europa: 25,00 Euros;
Resto do Mundo: 35,00 Euros**Pontos de Venda**Sede da ARCPA (Pombal);
Papellaria Horizonte; Ourivesaria Cardoso;
Papellaria Nunes
(Carrazeda de Ansiões)

FUNDADO EM 1 DE JANEIRO 1997

EDITORIAL

**Fernanda
Natália**

Não é que não valorize nem utilize as novas tecnologias mas, ainda continuo a dar muito valor aos livros. Foi neles que ali-
cercei os meus conhecimentos e que os fui aumentando.

Quero acreditar que quase todos nós temos as nossas preferên-
cias para o estilo literário, por um ou outro escritor, pelo regis-
to de escrita e até por alguma personagem. No que me diz res-
peito confesso que prefiro um bom romance histórico baseado
em factos reais e pelos livros denominados policiais. Todavia,
penso que as pessoas da minha geração se sentiram atraídas
pelos livros do argentino Quino e pela sua personagem, cari-
nhosamente conhecida por “Mafaldinha”. Ela era aquela “pes-
soa” que dizia exatamente aquilo que gostávamos que alguém
tivesse coragem de dizer nas mais diversas situações.

Desde que descobri esta personagem verifiquei que se trata de
uma personagem intemporal porque as mensagens implícitas
nas suas falas estão sempre atuais.

Neste momento festivo que atravessamos não pude deixar de
me lembrar da “Mafaldinha” a perguntar com um ar muito
inocente: “Porque é que nos amamos tanto no Natal?”. Não
nego que é esta também a minha opinião. Chegado o mês de
dezembro parece que por magia as pessoas se sentem impe-
lidas a manifestar de modo mais efusivo os seus sentimentos
pelo “outro”. Porém, parece-me que seria muito mais justo e
sincero se adotássemos os princípios da política económica
atualmente em vigor em Portugal. De que modo? Amando o
próximo em duodécimos, tal e qual o subsídio de Natal. Deste
modo haveria a garantia de manifestarmos o nosso amor du-
rante todo o ano porque repartido equitativamente por todos
os meses.

E, já que também nos aproximamos do final de mais um ano,
assoma-me à memória outra prancha da “Mafalda”. Esta repor-
ta-se a um diálogo com outra personagem, o Manelinho, que
lhe diz: “As pessoas esperam que o ano que está começando
seja melhor que o anterior”. Ao que a Mafaldinha prontamente
remata: “Aposto que o ano que está começando espera que as
pessoas é que sejam melhores!”.

Fica a sugestão.

OURIVESARIA CARDOSO

de

José Alberto Pinto Pereira

Rua Luís Camões

Telef. 278 617 284 - 5140 Carrazeda de Ansiães



miravet
PRODUTOS PARA AGRICULTURA E PECUÁRIA, LDA.

Loja 1: Rua da República nº107 • tel. 278 263 263 • fax 278 262 628 • 5370-347 MIRANDELA
Loja 2: Rua de Stº António • Tel/Fax 278 616 515 • 5140-095 CARRAZEDA DE ANSIÃES
ARMAZÉM: Cruzamento de S. Salvador • Tel. 278 262 855 • 5370 MIRANDELA
E-mail: geral@miravet.eu - www.miravet.eu



syngenta
Carmo



STIHL
HONDA



Ansiães FM 98.1

A Rádio do seu dia a dia !

RÁDIO ANSIÃES, C.R.L.

Rua Tenente Aviador Melo Rodrigues

5140-100 Carrazeda de Ansiães

Tel. 278 616 365 - 278 616 295

Fax. 278 616 725

Internet: www.ransiaes.sbc.pt

E-mail: ansiaestfm@mail.telepac.pt

A Rádio Ansiães apoia a ARCPA, ciente da colaboração no progresso do concelho de Carrazeda de Ansiães.

os congelados do rauss



noratlântico
Ind. e Comércio de Prod. Alimentares, Unip., Lda.

peixe
mariscos
ultracongelados
vegetais
conservas
bacalhau sêco

QUALIDADE * VARIEDADE * PREÇOS BAIXOS

rua marechal gomes da costa 269 r/c - tlf. 278 618 096

CARRAZEDA DE ANSIÃES

(junto às traseiras do antigo centro de saúde)



Sabemos que a sua preferência fará o nosso sucesso!



BORGES PINTO & FERREIRA, LDA.

Confeitaria e Pastelaria, Restaurante
Snack-Bar, Salão de Chá e Café

Rua do Campo Alegre, 654
Telefone 226 068 646
4150-171 PORTO



Largo do Chafariz - 5070 Alijó
Telef. 259 956 691

Rua Luís de Camões, 791 - 5140 Carrazeda de Ansiães
Telef. 278 616 335

Av. das Amoreiras, 130 - 5370 Mirandela
Telef. 278 265 213
Telef. 912 224 418



Tlf.: 278 610 040 Tlm: 917 838 018
Fax: 278 610 049 vanguardalda@gmail.com
Delegado Centro Sul (Coimbra)
Arq. Jaime Veiros Tlm.: 917837198

Rua Marechal Gomes da Costa, 319, 1º Dtº
5140-083 Carrazeda de Ansiães

O Jornal **pombal**
tem o patrocínio do



INSTITUTO PORTUGUÊS
DO DESPORTO
E JUVENTUDE, I. P.



Regulamento Cedência do Salão

Sócio(a) / Filho(a) de Sócio(a) / Cônjuge

Dias	Salão	Loiças	Cozinha	Salão/Loiças/Cozinha
1	40€	15€	30€	75€
3/4	100€	40€	80€	200€

Não Sócio(a)

Dias	Salão	Loiças	Cozinha	Salão/Loiças/Cozinha
1	80€	30€	60€	150€
3/4	200€	80€	150€	300€

Obs: Para este efeito, as regalias de sócio, adquirem-se desde que se seja sócio(a) há mais de um ano, na data do pedido.

O salão deverá ser sempre pedido por escrito, com uma antecedência adequada.

Para casamentos, principalmente no Verão e datas festivas, a antecedência deverá ser, no mínimo de três meses,

Os pedidos serão objecto de apreciação e decisão, por ordem de chegada. Sempre que os pedidos sejam coincidentes, os sócios terão preferência sobre os não-sócios.

Ex.mo(s) Senhor(es) Associados/Assinantes

Caso pretendam receber o jornal, deverão recortar/copiar e preencher a Ficha de Assinatura abaixo e enviá-la para a ARCPA, com o respectivo meio de pagamento ou comprovativo de transferência bancária dos valores indicados, para as seguintes contas:

Caixa de Crédito Agrícola Mútuo (C.a Ansiães) - NIB - 0045 2190 40052054541 39

Caixa Geral de Depósitos (C.a Ansiães) - NIB - 0035 0207 00005044030 35

JORNAL - O POMBAL

FICHA DE ASSINATURA

NOME - _____

MORADA - _____

LOCALIDADE - _____ Cód. Postal - _____ - _____

PAÍS - _____

SÓCIOS ARCPA

Assinatura anual

- 8,00 Euros PORTUGAL

- 18,00 Euros EUROPA

- 25,00 Euros RESTO DO MUNDO

NÃO SÓCIOS

Assinatura anual

- 12,00 Euros PORTUGAL

- 25,00 Euros EUROPA

- 35,00 Euros RESTO DO MUNDO

ENVIO CHEQUE No _____ BANCO _____

VALE POSTAL No - _____

ou comprovativo de transferência bancária com a identificação do assinante

DATA - ____ / ____ / ____ Assinatura - _____

Envie para: Jornal O POMBAL * Largo da Igreja, 1 POMBAL

5140-222 POMBAL CRZ - CARRAZEDA DE ANSIÃES

Obs.: O pagamento deverá ser efectuado no início de cada ano.

DE CADA UM SEGUNDO AS SUAS CAPACIDADES, A CADA UM SEGUNDO AS SUAS NECESSIDADES



João Matos

Esta asserção começa a impor-se mais e mais à medida que o tempo passa.

Sempre foi um problema para a humanidade o saber como distribuir o trabalho e os rendimentos.

A generalidade das pessoas pensa que cada ser humano tem direito a uma vida digna, seja ele um génio ou um atrasado mental, um são ou um doente, homem ou mulher, branco ou preto, crente, agnóstico ou ateu.

Mas como encontrarmos a fórmula mágica que tudo resolva a contento?

Tem havido tentativas várias que procuram a solução de equilíbrio.

Para isso, foram feitas formulações as mais diversas e chegou-se a esta que encima este escrito.

Cada pessoa, ao que parece, vem ao mundo dotado de aptidões próprias, não forçosamente comuns a todos os seres humanos. Quer dizer, cada um vem ou não favorecido, logo à partida, nas suas capacidades.

Há quem explique isso através da genética. Há quem dê uma explicação religiosa. Certo, ao que parece, é que, logo à partida, as pessoas não são iguais.

A solução melhor parece ser a de encarregar das várias tarefas aqueles que melhor preparados estiverem para cada uma delas. Até porque, assim, cada um se realizará melhor, de acordo com as suas aptidões. E isto já é uma ótima recompensa, porque permite uma realização humana mais profunda. Isso proporciona, com certeza, alegria e satisfação enormes, não acessíveis a muitos dos semelhantes, que não tiveram a mesma sorte.

Estará resolvido o problema do lado das capacidades. E do lado das necessidades?

Parece que estas deverão ser resolvidas de acordo com as necessidades de cada um. Sim. Um deficiente tem de ter uma vida digna, para a qual ele próprio, muitas vezes, pouco contribui. Mas aquele que produz, faz, realiza, também só tem interesse em satisfazer-se de acordo com o que precisa. Para resolver a contento esta distribuição, é preciso recorrer ao espírito cristão de desprendimento, de abnegação, em suma, de amor ao próximo, porque a quantidade de bens é limitada, por muito grande que seja.

Por que razão, as diferenças à partida hão de dar diferenças grandes na distribuição?

Mas não se perturbem. Isto é apenas um exercício mental, cuja concretização está dependente dum querer profundo de pôr em prática os princípios cristãos, num caso, e o bom senso, noutros casos. Realmente, o bom senso é necessário para conseguirmos entender-nos e vivermos todos à superfície da terra com um mínimo de dignidade.

Assim se resolveria o problema de não nos deixarmos dominar por um espírito egoísta, que parece ser o ainda dominante nas sociedades.

Ideais irrealistas? Porquê então pregar a fraternidade, o desprendimento e o entendimento entre os homens?

Estes exercícios mentais têm o condão de ajudarem a humanidade a resolver problemas, que, talvez, hoje, não se ponham ainda com grande acuidade.

É uma hipótese de solução que talvez possa vir a ter aplicação mais tarde, por exemplo, quando a distribuição não se resolver já através da compensação do trabalho humano realizado, por não havê-lo na quantidade requerida, porque substituído pelas máquinas.

CONTACTOS ÚTEIS

Carrazeda de Ansiães

Câmara Municipal:

Telef. 278 610 200 Fax. 278 616 404

Bombeiros Voluntários:

Telef. 278 616 104 Fax. 278 615 186

Guarda N. Republicana:

Telef. 278 610 020

Centro de Saúde (Urgência):

Telef. 278 610 050 Fax. 278 616 706

Sta Casa da Misericórdia (Lar de Idosos):

Telef. 278 616 747 Fax. 278 616 748

Águas de Carrazeda(Serviços de Águas e Saneamento):

Telef. 278 617 736

Farmácia Rainha:

Telef. 278 616 250

Farmácia Veiga:

Telef. 278 617 119

Caminhos de Ferro (Estação de Tua):

Telef. 278 685 177

Direcção Regional de Agricultura:

Telef. 278 616 361

Escola de Condução:

Telef. 278 616 278

Escola E-B-2,3 (Escola Secundária):

Telef. 278 618 190 Fax. 278 618 198

Centro Regional de S. Social:

Telef. 278 616 147 Fax. 278 616 251

Conservatória Predial e Civil:

Telef. 278 616 164 Fax. 278 615 327

Cartório Notarial:

Telef. 278 616 141

Serviço de Finanças:

Telef. 278 616 236

Tesouraria da Fazenda Pública:

Telef. 278 616 461

Centro Social e Paroquial de Pombal (Lar de Idosos):

Telef. 278 669 315

SERRALHARIA A NOVA
De: Albino Augusto Carvalho

FERRO E ALUMÍNIO

Zona Industrial, Lote 6 * Telef/Fax 278 615 268
Telex: 917 601 847 * 5140-105 CARRAZEDA DE ANSIÃES

O NOVO TALHO NOVO

talhonovo@hotmail.com
Carrazeda de Ansiães

Tento na Língua

por Patrícia Pinto



Patrícia Pinto

“O Natal de 10 milhões”

Para a maior parte de nós foi apenas mais um Natal. Um dia como tantos outros e em tudo diferente. Em Portugal foi um dia de rajadas de vento, chuva, granizo, neve e outros estados climatéricos que deixaram o dia algo confuso. Muitas famílias escureceram-se com a falta de eletricidade que durante grandes períodos do dia 24 de dezembro afetou muitas zonas do país.

Casas sem telhado onde estavam famílias inteiras que os bombeiros socorreram da melhor forma para que a data não fosse memorável pelos piores motivos.

As couves da consoada, coitadas, ou já tinham sido colhidas *a priori* ou não estariam na sua melhor forma para serem apresentadas na noite da véspera de Natal. O estado das couves que agora descrevo lembra-me as centenas de jovens portugueses que tiveram de emigrar para que neste Natal não vissem a época a decorrer com a carícia de uma alma frustrada e o conforto das lágrimas pingantes dos olhos.

Desajeitadamente, neste texto sublinho a capacidade que nós, portugueses, temos de “dar a volta” às situações menos favoráveis e de desdobrarmos as marés trazidas por ventos ruinosos que muito rápido dão lugar aos raios de sol quentes e luminosos com que continuamos a navegar cheios de esperança.

Sempre fomos um povo de esperança e coragem, pelo menos assim reza a história que nos define. Lembro a todos que ninguém está livre da necessidade de abandonar as suas origens para rumar a terras que lhes ofereçam melhores condições de vida.

Este Natal foi chuvoso e ventoso, foi de estragos e de alguma tristeza nestes lares onde alguns lugares da mesa estavam sem a presença física de muitos familiares mas onde nem por isso, deixaram de fazer parte da data.

Acredito que o próximo Natal seja melhor, mantendo dentro de mim a chama que me diz para não desistir dos meus sonhos.

Esta época natalícia calcei a pantufa da esperança, na próxima época qual será a minha pantufa?

É hora de pensar no futuro como algo que nos pode tornar pessoas mais fortes, como esses jovens que se viram obrigados a criar novos sonhos e a embalar outros que ficaram guardados nas camas agora vazias onde os tinham planeado.

E não, a culpa não é só dos políticos mas é de “nós” todos. É dos que vivem de subsídios e se acomodam com as facilidades, é dos que cruzam os braços e andam pelos cantos, é dos grandes chefes financeiros que fogem aos seus deveres fiscais, é de quem tem as melhores oportunidades para estudar e desiste apenas porque é difícil estar a 100km de casa, é de quem tira 1001 cursos “novas oportunidades” e passa a vida assim, em suma, a culpa é de todos aqueles que vivem na tranquilidade de uma vida sem objetivos, sem vontade de mostrarem ao resto do mundo o que é afinal ser português e o que esta condição representa e a culpa é também nossa, que os deixamos serem assim.

Talvez neste ponto já tenham percebido o porquê do título que coloquei para esta peça, é que as realidades que aqui descrevi (o Natal de famílias de emigrantes e o Natal debaixo de estragos climatéricos) podem na verdade não ter afetado os 10 milhões que compõem Portugal mas a verdade é que todos partilhamos da mesma condição, ser portugueses e posto isso todos sofremos porque uma nação não é apenas composta pelo Primeiro-ministro e pelos médicos, a nação somos todos nós que a fazemos e quando cinco mil sofrem, todos os outros partilham da mesma dor.

Em vez de tento na língua, este mês recomendo tento no coração e para quem precisa de o ter, era uma boa forma de iniciar o ano 2014 que ainda agora nos deu as boas (ou más) vindas.

Património religioso do concelho de Carrazeda de Ansiães

alminhas, cruzeiros, capelas e igrejas



**Fernanda
Natália**



Neste número do jornal damos início a uma série de artigos que se focalizam no património religioso do nosso concelho. Não pretendemos apresentar uma simples apresentação e descrição mas fazê-las acompanhar de elementos que sirvam para complementar o conhecimento sobre esse mesmo património, nomeadamente, origens, usos e tradições.

O tema deste número aborda as “alminhas”, as quais apenas existem em Portugal e que surgiram na sequência do Concílio de Trento (1545-1563), sendo uma das mais genuínas formas de religiosidade popular, porque saídas da imaginação e da devoção do povo.

A razão que explica o seu apa-

recimento nesta data relaciona-se com o facto de que, no período do denominado Cristianismo primitivo, a Igreja apenas admitia o Céu e o Inferno. Foi, por conseguinte, no referido Concílio de Trento que surgiu o conceito/dogma de Purgatório, como sendo um estado intermédio onde quem falecia ficava até se purificar (purgar).

De acordo com o historiador António Matias Coelho, Portugal teve uma forma muito peculiar de interpretar a recomendação saída do Concílio de Trento, onde a criação do Purgatório surgia como mais uma resposta da Igreja Católica às contestações da Igreja Protestante. Assim, em Portugal foram criadas as Confrarias das

Almas como “forma de institucionalizar a crença no Purgatório e impor a convicção de que as almas dos mortos saíam tanto mais cedo do Purgatório quanto mais orações e esmolas fossem feitas pelos vivos. Aliás, tudo dependia dos vivos, unicamente a eles competia sufragar as almas que esperavam pela purificação”.

Ainda de acordo com o mesmo historiador, “reflexo eventual de uma forma religiosa, emocional e sentimental própria, começam a surgir em Portugal, sobretudo a norte do rio Mondego, fruto de uma cristianização mais prolongada e vivida, pequenas representações das alminhas em sítios públicos com alminhas de

mãos erguidas suplicando aos vivos orações e esmolas para poderem completar a purificação e libertar-se das contingências do Purgatório”

Alguns investigadores nesta área consideram que esta tradição e devoção das alminhas se manteve ativa até meados do século XX, altura em que era normal que quem passasse por um destes nichos parasse, se curvasse, tirasse o chapéu, rezasse e, por vezes até depositasse umas flores ou acendesse uma vela. Afinal, as siglas PNAV que, com frequência surgem junto às alminhas, significam exatamente a súplica para que se reze um Pai Nosso e uma Ave Maria. Atualmente, parece-nos



que esta tradição se vai perdendo, provavelmente fruto da rapidez com que se passou a viver que já não deixa tempo para dedicar às almas que penam e esperam que as ajudem a sublimar-se.

Tradicionalmente, encontram-se à beira de caminhos rurais e/ou em encruzilhadas. Trata-se de uma representação popular das almas do Purgatório que, por ainda se encontrarem numa situação indefinida (a penar), apelam a quem por ali passe que reze por elas.

As primeiras alminhas terão sido aquelas que encontramos nos nichos escavados nas rochas e que, posteriormente, surgiram em estruturas construídas de forma independente, usando diversos materiais. Em termos de iconogra-

fia é muito comum encontrarem-se painéis em madeira quase sempre com representações de fogo, simbolizando o Inferno, variando as figuras representadas, que podem ser de Cristo, de anjos ou até de outras imagens que, pela sua indumentária se identificam com figuras da Igreja. A verdade é que nunca aparecem representações de crianças o que se compreende atendendo à crença que aquelas vão diretamente para o Céu.

Focalizando-nos neste tipo de património no concelho de Carrazeda de Ansiães, podemos dizer que existem inúmeras alminhas com as mais diversas configurações. Sabemos que não vamos conseguir fazer referência a todas as que existem mas, tal não signi-

fica subestimá-las, será apenas por uma questão de oportunidade de visitar aquelas que aqui fazemos uma referência mais pormenorizada.

Pelas características que apresentam podemos concluir que no nosso concelho as alminhas existem desde que começaram a fazer parte integrante das manifestações da religiosidade popular até aos nossos dias. Como tal, é fácil entender que também os materiais e os temas nelas apresentados foram variando ao longo dos tempos. Assim, se nas suas origens apresentavam a temática do Purgatório, verificamos que paulatinamente, foram variando as representações mas com muita frequência aparece a imagem de

cristo crucificado.

No concelho de Carrazeda de Ansiães existem diversos tipos de alminhas: as mais rústicas e antigas, incrustadas na rocha, as que possuem painéis em madeira ou em azulejo.

Para não correremos o risco de nos esquecermos de referenciar alguma, não vamos aqui enunciar aquelas que conhecemos e, porque queremos que os nossos leitores interajam com o nosso jornal aqui deixamos um repto: quem quiser pode enviar para o mail do jornal fotografias e descrição de alminhas nas vossas ou outras localidades. Fica o compromisso de serem publicadas.

ALMOÇO DE NATAL 2013



**Fernanda
Cardoso**

Cerca de 160 pessoas do Pombal e Paradela juntaram-se no passado dia 15 de dezembro no salão da Associação Recativa e Cultural de Pombal de Ansiães para participarem no almoço de Natal da Freguesia de Pombal de Ansiães.

À iniciativa da Junta de Freguesia, juntou-se o Centro Paroquial de Pombal, a Associação Recreativa e Cultural de Pombal e a Comissão de Fabriqueira de Pombal.

Todos juntos e, ainda com os patrocínios privados dos nossos empresários locais, Américo Nicolau, João Coelho, Paulo Zuzarte e ainda o supermercado “A nossa Loja” e a população em geral, a Junta de Freguesia não teve qualquer encargo financeiro.

No almoço estiveram presentes habitantes de toda a freguesia e de todas as idades, pressentindo-se um ambiente de grande calor humano. Foi uma boa oportunidade para se estimular sentimentos de carinho e união entre todos, permitindo esquecer um pouco os momentos menos favoráveis que as pessoas atravessam nas suas vidas.

Após o almoço, fomos apresentados com uma peça de Teatro, em que os atores foram os utentes e funcionários do Centro Paroquial de Pombal, mostrando aqui mais uma vez que a nossa aldeia é longa na tradição na arte de representar.

Estas atividades que envolvem e congregam instituições, empresas e pessoas a título individual, são cada vez mais necessárias porque servem para reforçar a ideia de que todos juntos podemos fazer algo pela nossa freguesia, nestes e noutros projetos no futuro.





Figuras e Factos



Fernando Figueiredo

Entre a bondade e a justiça



Não é: "Venha o Diabo e escolha". É o Homem que, muitas vezes, tem que optar. O ideal era que nunca tivesse que o fazer, pois essas duas virtudes (Bondade e Justiça), se assim quisermos designá-las, não são incompatíveis. Bem pelo contrário.

Não costumo navegar muito por águas que não são as minhas, por isso, nestes domínios, apenas explico uma reflexão muito própria, quando me ocorre desenvolver alguma temática no nosso jornal. É o caso de hoje. Apetecia-me mais falar da complexa situação do país e não faltaria assunto, mas decidi conter-me. Tenho-o feito nas últimas intervenções e

sei que não é do gosto de muitos leitores. Não estou a referir-me àqueles a quem não agrada nada. Com esses, também nada valerá a pena! Pode parecer que estou a ser mauzinho com eles. Não, estou a ser sincero!

Na verdade, ninguém tem o dever de ler o nosso ou qualquer outro jornal e, muito menos, de gostar ou concordar com o que os autores dos artigos dizem ou defendem. Estamos num país livre e isso deve impor-se em todas as circunstâncias. Confesso que, quando abordo determinadas temáticas, de uma forma que pode parecer mais ousada, do ponto de vista cívico ou político (não tenha-

mos medo do termo), dou comigo a pensar: Por que é que hei-de incomodar gente que, mesmo a ser maltratada, ainda consegue ser generosa para com os algozes? Por outro lado, questiono-me: Será por Bondade? Então, eu prefiro a Justiça! E, vai daí, escrevo.

Psicologias à parte, contra as quais nada tenho, mas que, não raro, contribuem para complicar o que é simples, sobretudo se não as dominarmos, tenho para mim que uma pessoa, intrinsecamente boa (com bons fundos, como diz o nosso povo), não pode deixar de ser justa. Também a inversa me parece igualmente segura. Aquele que tenta ser justo, não procura o bem?

Associo o conceito de Bondade a acção, à prática activa do Bem. Mas, muitas vezes, aparece-nos mais como inacção, demissão. A diferença, para mim consiste em ser bom ou "bonzinho". Um exemplo: Denunciar e lutar contra um crime ecológico, é exercer uma boa prática de cidadania, pelo bem que isso pode trazer a uma comunidade, apesar do incómodo e animosidade que tal pode acarretar. Ao contrário, pactuar com poluidores sem escrúpulos, quando muito, pode parecer uma atitude boazinha, de conformismo, apesar de profundamente nociva ao bem

comum.

Nunca me norteou a preocupação de ser "bonzinho", que é aquilo que muitos procuram ser, sob a capa mais larga de bondade. Sempre desconfiei desse posicionamento e julguei que ele pode roçar mesmo a cobardia e o fingimento. Como detesto estes dois procedimentos, a incompatibilidade deve vir daí.

A maior parte das vezes, perante as questões com que temos de defrontar-nos na vida, a via mais fácil e cómoda, pelo menos no imediato e aparentemente, é ser simpático, deixar passar, não intervir, não levantar objecções, etc., etc. Sabemos isso como pais e encarregados de educação. Ora, contrariamente ao que muitas vezes se pensa, tais posicionamentos quase sempre têm depois um preço a pagar. Mas nem sempre... E, enquanto e não, vai passando e logo se vê...

A frontalidade, que eu identifiquei mais com a preocupação de Justiça, normalmente é recebida com antipatia, com adversidade e, não raro, com hostilidade e até violência. Ou seja: paga-se logo e nem sempre há reversibilidade na avaliação.

Já se percebeu que eu, se tiver que optar, prefiro esta abordagem e posicionamento, consciente do



preço a pagar. Tem sido assim e assim desejo que continue. Reconheço que há quem se dê bem com a outra maneira de estar e tenha tido muitos proveitos (Sabem viver, não é?). Não sei se, depois, os problemas de consciência incomodam mais ou menos.

Não tenho estado a desvalorizar a Bondade autêntica e o seu exercício. Todos nós admiramos quem, comprovadamente, assim age. O que tentei desmontar foi um sentimento que frequentemente se confunde com ela. Aos que tive que educar, de uma forma ou outra, sempre os adverti de que não temessem os exigentes e os justos, mas desconfiassem dos “bonzinhos” e “porreiros”. Daqueles, sabe-se sempre o que esperar e querem normalmente o nosso bem; destes, que normalmente pouco dão, nunca se sabe o que exigem e preocupam-se sobretudo consigo próprios. É claro que aprendi muito disto às minhas próprias custas!

Nas antigas civilizações ocidentais, os deuses aparecem muitas

vezes como seres com defeitos como os humanos, tendenciosos, maldosos e até sanguinários, mas também protectores e justiceiros. Por outro lado, em algumas correntes de pensamento oriental (que são mais do que religiões), existem várias proposições, como, por exemplo, não haver salvação nem condenação (prémio ou castigo); ou o indivíduo passar por um aperfeiçoamento em reencarnações, sucessivas, até atingir a candura (Bondade). Para simplificar, digamos que há alguns casos em que prevalece a Bondade e outros em que a vertente da Justiça parece mais determinante.

Na moral cristã, o Deus do Antigo Testamento é sobretudo uma entidade justiceira, que “castiga sem pau nem pedra”, sendo notórios vários exemplos, desde o castigo a Adão e Eva à destruição das cidades de Sodoma e Gomorra, para referir apenas os mais conhecidos. É mais difícil a um leigo, sem um estudo profundo, encontrar idênticos sinais de Bondade. Realce-se, no entanto,

o apelo ao amor ao próximo, que pode identificar-se com a Bondade e a Justiça.

No Novo Testamento, talvez a figura e a acção de Jesus, mais humanas, em vários momentos possam ser associados ao exercício de Bondade, ainda que, noutros, a autoridade e a frontalidade sugerem mais a Justiça. Podiam ser dados vários exemplos. Todavia, na ideia do terrível Juízo Final, aparece de novo um Deus justiceiro, perante o qual todos serão avaliados e premiados ou castigados, culminando, aliás, um processo que deve nortear toda a vida de um cristão, vivendo cada dia como se fosse o último.

A nossa civilização de tipo ocidental, que se espalhou também por outras vastas paragens do mundo, com a sua colonização, é muito marcada por esta moral cristã e, por isso, é de supor que a prevalência da Justiça sobre a Bondade seja uma tendência a ter em conta. Mas, como referi no início, as duas virtudes ou qualidades são perfeitamente compatíveis.

O problema, muitas vezes, é ter que optar.

Serve também esta simples reflexão para homenagear uma grande figura do nosso tempo, recentemente desaparecida: Nelson Mandela (Tata Madiba). Descontando alguma excessiva mediatização, ele é bem um exemplo do que muitos têm realçado, mas também do que outros não quiseram ver.

Estou convencido que Nelson Mandela procurou a Justiça, arriscando a vida e sofrendo tanto para que ela fosse feita ao seu povo. Já era, com certeza, um Homem bom ao fazer essa opção. Mas, na luta que travou, tão dura e difícil, ter-se-á tornado ainda um homem melhor (com mais Bondade!). Pelo menos, é o que se pode deduzir da generosidade do seu perdão!

Obrigado, Nelson Mandela, pelo exemplo de vida, pela Bondade demonstrada e pelo Amor à Justiça!



José Alegre
Mesquita

As casas no mundo rural transmontano

A casa térrea é pequena e formada por um único compartimento, onde, com “sua licença”, tudo se faz; uma única porta, que rola sobre a soleira; um único janelo, que fecha com a tranca de madeira. Num canto acende-se o lume; noutro come-se, habitualmente em cima da arca que guarda o pão, “casa onde comem dois, comem três”; noutro dorme a família, quase sempre numerosa.

Na habitação de dois pisos: o primeiro é para morar e é composta pela fundamental cozinha, a sala e um ou outro quarto; no rés-do-chão, a loja dos animais, as arrumações de produtos agrícolas ou a adega. A ligar o piso térreo ao superior, as escadas sempre exteriores e, bem no cimo, a varanda em granito ou madeira, rodeada por um corrimão.

A cozinha é o espaço mais amplo, para poder receber os “obreiros”, toda a família no Natal e na matança do porco. É o lugar essencial da vida familiar: nela se recebem as visitas, a Santa Cruz na Páscoa, a Sagrada Família quando chega a vez; se cozinha e se come, se convive..., cruzando conversas, transmitindo saberes; os segredos são ditos em voz baixa, não vá alguém escutar atrás da porta, porque há quem a isso se dedique. A saída do fumo é simplificada por um pequeno cabanal; como o resto do telhado, está coberto de telha vã, à antiga portuguesa, fabricada em Carrazeda. Quando o vento o impede, a única solução é sair para a rua com uma tosse seca e os olhos a lacrimejar. A um canto, a velha arca de castanho, guarda o

sempre existente pão de centeio, ou trigo e a sêmea, “casa onde não há pão, todos ralham e ninguém tem razão”. Ao alto, num canto, o “mosqueiro”, pequeno móvel cubiforme, aberto em toda a volta, apenas protegido com uma rede, guarda os restos da carne cozida do porco. Na viga de madeira que sustenta o telhado repousa um ou outro salpicão, a bexiga do porco e o duradouro presunto. O almário, enfeitado com os jornais recortados e colados com o miolo do pão, exhibe as louças de barro. Na pilheira, prateleira aberta na parede, guardam-se os potes e os tachos. Numa das paredes, todas elas escuras como o breu, junto da lareira, um espigão segura a candeia a petróleo ou a lamparina de azeite, que, “do tamanho de uma abelha, enche a casa até à telha”. Em alguns sobrados, o alçapão facilita a entrada nos baixos da casa, sem sair à rua e apanhar frio; por ele se “deita a candeia”, que se segura deitado no sobrado, enquanto o pai e a mãe tratam da “cria”.

A lareira é rodeada do escano de castanho enegrecido pelo fumo, que ajuda ao aconchego no longo e desagradável inverno, e serve de mesa para as refeições. Está acesa todo o ano para cozinhar e aquecer; no trasfogueiro coloca-se a lenha de giesta, de pinheiro, de carvalho, e um ou outro “toro”, um pau grosso ou um cavaco para “pegar no lume”, que deve estar sempre vivo e a crepitar. Ao redor, os potes de ferro, a caldeira de cobre, o tripé, a pá e as tenazes são elementos sempre existentes.

No maior pote coze ou aquece o caldo, presença certa em todas as refeições, não faltando à ceia, pois comer o “caldo e deita” é o comum de todos os dias: Nos ferros pendurados, o caldeiro de zinco, ou o panelão de ferro coze a viança dos recos. Nas traves seca-se o fumeiro e é aí, que se dispõem as varas dos enchidos aquando da matança. À volta, o lar de pedra, sustentado por grossas traves, é o lugar onde todos se sentam em bancos de madeira e no escano, numa grande roda, há sempre lugar para mais um: aí se aquece o corpo e a alma, se seca a roupa depois de uma molha, se enxugam os socos e as socas, se aquecem os pés para ir para a cama...

A casa do lavrador mais abastado está rodeada pelo “quinteiro” murado com uma grande e alta porta para passarem os carros de bois carregados de lenha, de palha e de feno. Neste espaço, situa-se o cabanal, onde se guarda a lenha e as alfaías agrícolas. O espaço que fica sob as escaleiras é aproveitado para o galinheiro, a coelheira ou a loja dos porcos. Às vezes misturavam-se todos os animais. Algumas habitações têm ao lado o palheiro, onde se guardam as palhas e os fenos. No chão deita-se palha, se não abunda trazem-se agulhetas ou “feitos” do monte, para estrumar. Nesse mesmo tapete se fazem as “necessidades” e se despejam os “penicos”.

No cimo das escaleiras de granito, a varanda é um espaço essencial à economia e ao lazer da família. Nela se seca a roupa, se apanha o sol, se expõem os cacos dos cravei-

ros e manjericos, se dorme a sesta na canícula, se secam as vagens, os feijões, o milho... Bem no alto, a tábua de queijo segura por dois barços, mostra uma boa meia dúzia de discos brancos, que com o tempo, passam a amarelo e de repente, como por magia, se tornam encarnados e desaparecem aos poucos, como por encanto; aparecem, por vezes, na toalha estendida das aradas de trigo, das ceifas e das vindimas.

A porta não tem chave, fecha-se com o cravelho, peça grosseira de madeira com que se fecham as portas e as cancelas, porque “a casa de amigo rico não vás sem ser requerido, mas à casa do necessitado vai sem ser chamado”; na base da porta de castanho um grande buraco por onde entra e sai o gato, necessário à caça das ratazanas, que tudo ratam. A janela, sempre presente, está defendida pela portinhola de madeira de castanho, segura com a tranca pelo interior e no largo parapeito, um “caco” ou um velho pote de ferro mostra um cravo florido. Por ela se areja o interior, “casa onde entra o sol não entra o médico”, no inverno tem de manter-se fechada, nem que seja à noite, porque dela entra um “frio de rachar”.

Por sobre as telhas, o vento assobia canções de embalar que ajuda a “depressa a adormecer”. Pela manhã, a claridade entra pelas frestas das telhas, das janelas e até das paredes, e impede “recoucares” matinais, porque “deitar cedo e cedo erguer dá saúde e faz crescer”.

Do livro “Selores e uma casa”

Jornal "O Pombal" n.º 202 de 31 de Dezembro de 2013

Conservatória dos Registos Civil, Predial e Comercial e Cartório Notarial de Carrazeda de Ansiães

CERTIDÃO

Certifico, para fins de publicação, nos termos do art.º 100º do código do notariado, que por escritura de justificação notarial, outorgada neste cartório notarial, em 22/11/2013, lavrada a partir de folhas sessenta e seis, respectivo livro de notas número setenta e um - C, **Delfim da Assunção Borges**, NIF 136 024 998, casado sob o regime da comunhão de adquiridos com Laura do Carmo Borges, natural da freguesia e concelho de Carrazeda de Ansiães, onde reside na Rua da Encruzilhada, lugar de Samorinha, declarou:

Que, com exclusão de outrem, o seu constituinte é dono e legítimo possuidor de um **prédio urbano** composto de casa de rés-do-chão e primeiro andar, com a área coberta de oitenta metros quadrados, sito no Largo Santa Cruz, Samorinha, **freguesia e concelho de Carrazeda de Ansiães**, que confina a norte com José Caetano, a nascente com ribeiro, a sul com rua e a poente com Lúcia Jesus, ainda não descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães, inscrito na respetiva matriz sob o artigo **840**, *(proveniente do artigo 522 urbano)* com o valor patrimonial de € 18750,00, igual ao que lhe atribui.

Que, entrou na posse do referido prédio, ainda no estado de solteiro, maior, por doação verbal de Arminda de Jesus Borges, que foi solteira e residente na dita Samorinha, doação essa feita em dia e mês que não pode precisar, do ano de mil novecentos e sessenta e três, e que nunca foi reduzida a escritura pública.

Que, deste modo não possui título formal que lhe permita registar na aludida Conservatória do Registo Predial o identificado imóvel, todavia, desde o citado ano, data em que se operou a tradição material do mesmo, ele justificante, já possui, o prédio em causa, tendo sempre sobre ele praticado todos os atos materiais de conservação, uso e aproveitamento, tais como, usando-o como casa de habitação, cuidando-o, nele guardando os seus pertences, fazendo as necessárias obras de conservação, aproveitando, assim, dele todas as suas correspondentes utilidades e pagando todas as contribuições e impostos por ele devidos, agindo sempre como seu proprietário, quer na sua fruição, quer no suporte dos seus encargos, tudo isso realizado à vista de toda a gente, sem qualquer ocultação, de forma continuada, ostensiva e ininterrupta desde o seu início, sem qualquer oposição ou obstáculo de quem quer que seja e sempre no convencimento de o fazer em coisa própria, tendo, assim, mantido e exercido sobre o identificado prédio, durante mais de vinte anos e com o conhecimento da generalidade das pessoas vizinhas, uma posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio, pelo que adquiriu o citado prédio por **usucapião**, que expressamente invoca para justificar o seu direito de propriedade para fins de primeira inscrição no registo predial, direito esse que pela sua própria natureza não pode ser comprovado por qualquer título formal extrajudicial.

Extraí a presente certidão de teor parcial que vai conforme o seu original, e na parte omitida nada há em contrário que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

22.11.2013. A Conservadora, (Ana Paula Pinto Filipe da Costa)

Jornal "O Pombal" n.º 202 de 31 de Dezembro de 2013

Conservatória dos Registos Civil, Predial e Comercial e Cartório Notarial de Carrazeda de Ansiães

CERTIDÃO

Certifico, para fins de publicação, nos termos do art.º 100º do código do notariado, que por escritura de justificação notarial, outorgada neste cartório notarial, em 27/11/2013, lavrada a partir de folhas setenta e um, respectivo livro de notas número setenta e um - C, **António Augusto Filipe**, NIF 102 574 111, e mulher **Gentil da Assunção Rijão**, NIF 102 574 103, casados sob o regime da comunhão geral, naturais ele da freguesia de Seixas, concelho de Vila Nova de Foz Côa, e ela da freguesia de Vilarinho da Castanheira, concelho de Carrazeda de Ansiães, onde residem na Rua do Tenreiro, declararam:

Que, com exclusão de outrem, são donos e legítimos possuidores de um **prédio rústico** composto de terra para centeio com oliveiras e amendoeira, com a área de quinhentos e oitenta metros quadrados, sito nos Galegos, **freguesia de Vilarinho da Castanheira, concelho de Carrazeda de Ansiães**, que confina a norte com Marcolino Rijão, a nascente com caminho, a sul com Maria da Assunção Penilhas e a poente com Arnaldo Augusto Morais P. da Fonseca, ainda não descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães, inscrito na respetiva matriz sob o artigo **2580**, com o valor patrimonial para efeitos de IMT de € 110,08, igual ao que lhe atribuem.

Que, adquiriram o referido prédio, *já no estado de casados*, em dia e mês que não podem precisar no ano de mil novecentos e setenta e sete, por partilha meramente verbal que nunca foi reduzida a escritura pública por óbito de Marcolino Rijão e mulher Ercília da Assunção Martins, que foram casados e residentes na dita freguesia de Vilarinho da Castanheira. Que, deste modo não possuem título formal que lhes permita registar na aludida Conservatória do Registo Predial o identificado imóvel, todavia, desde a citada data em que se operou a tradição material do mesmo, eles justificantes, já possuem, em nome e interesse próprios, o prédio em causa, tendo sempre sobre ele praticado todos os atos materiais de uso e aproveitamento agrícola, tais como, amanhando-o, semeando-o, cultivando-o, colhendo os produtos semeados, aproveitando, assim, dele todas as suas correspondentes utilidades, agindo sempre como seus proprietários, quer na sua fruição, quer no suporte dos seus encargos, tudo isso realizado à vista de toda a gente, sem qualquer ocultação, de forma continuada, ostensiva e ininterrupta desde o seu início, sem qualquer oposição ou obstáculo de quem quer que seja e sempre no convencimento de o fazerem em coisa própria, tendo, assim, mantido e exercido sobre o identificado prédio, durante mais de vinte anos e com o conhecimento da generalidade das pessoas vizinhas, uma posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio, pelo que adquiriram o citado prédio rústico por **usucapião**, que expressamente invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de primeira inscrição no registo predial, direito esse que pela sua própria natureza não pode ser comprovado por qualquer título formal extrajudicial.

Extraí a presente certidão de teor parcial que vai conforme o seu original, e na parte omitida nada há em contrário que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

27.11.2013. A Conservadora, (Ana Paula Pinto Filipe da Costa)

Jornal "O Pombal" n.º 202 de 31 de Dezembro de 2013

Conservatória dos Registos Civil, Predial e Comercial e Cartório Notarial de Carrazeda de Ansiães

CERTIDÃO

Certifico, para fins de publicação, nos termos do art.º 100º do código do notariado que por escritura de justificação notarial, outorgada neste cartório notarial, em 26/12/2013, lavrada a partir de folhas cento e quinze, respectivo livro de notas número setenta e um - C, **Antónia dos Santos Pinto**, NIF 177 854 979, solteira, maior, natural da freguesia de Parambos, concelho de Carrazeda de Ansiães, residente na Rua Óscar da Silva, n.º 211, 3º esquerdo frente, freguesia de Paranhos, concelho do Porto, declarou:

Que com exclusão de outrem, é dona e legítima possuidora dos seguintes bens imóveis, situados na **freguesia de Parambos, concelho de Carrazeda de Ansiães**, ainda não descritos na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães, que totalizam o valor patrimonial para efeitos de IMT de €2531,47:

Um) prédio rústico composto de terra de trigo com videiras, com a área de cento e sessenta e cinco metros quadrados, sito no Fundo do Povo, a confrontar do norte com José Joaquim de Carvalho, do poente com Luis Augusto Moura, do sul com Laura de Jesus Veiga e do nascente com caminho público inscrito na respetiva matriz sob o artigo **1190**, com o valor patrimonial para efeitos de IMT de € 96,82, igual ao que lhe atribuem;

Dois) prédio rústico composto de terra de trigo com videiras, com a área de trezentos metros quadrados, sito no Fundo do Povo, a confrontar do norte com José Joaquim de Carvalho, do poente com Flaviano Monteiro, do sul com Aurora de Jesus Trigo e do nascente com Jaime de Carvalho inscrito na respetiva matriz sob o artigo **1191**, com o valor patrimonial para efeitos de IMT de € 149,87, igual ao que lhe atribuem

Três) prédio rústico composto de vinha com videiras, bacelos e terra de trigo, com a área de novecentos e cinquenta metros quadrados, sito no Fundo do Povo, a confrontar do norte com José de Carvalho, do poente com Augusto Carlos, do sul com Aurora de Jesus Trigo e do nascente com Luis António de Moura, inscrito na respetiva matriz sob o artigo **1192**, com o valor patrimonial para efeitos de IMT de € 582,25, igual ao que lhe atribuem;

Quatro) prédio rústico composto de vinha com videiras, oliveiras, estacas, cerejeiras e figueiras, com a área de mil quatrocentos e noventa metros quadrados, sito na Canelha, a confrontar do norte com Luis António Moura, do poente e sul com António dos Santos Pinto e do nascente com Elisio dos Santos Pinto, inscrito na respetiva matriz sob o artigo **1206**, com o valor patrimonial para efeitos de IMT de € 1102,60, igual ao que lhe atribuem; e

Cinco) prédio rústico composto de vinha com videiras e oliveiras, com a área de mil e duzentos metros quadrados, sito na Canelha, a confrontar do norte com Augusto Carlos, do poente com António dos Santos Pinto, do sul com Luis Cabral de Sampaio e do nascente com Aurora de Jesus Trigo, inscrito na respetiva matriz sob o artigo **1207**, com o valor patrimonial para efeitos de IMT de € 599,93 igual ao que lhe atribuem.

Que entrou na posse dos indicados prédios no ano de mil novecentos e noventa, por compra verbal a Manuel Décio Monteiro que foi casado e residente na dita freguesia de Parambos, já falecido.

Que deste modo não ficou a dispor de título formal que lhe permita registar na aludida Conservatória do Registo Predial os identificados prédios, porém, desde o citado ano data em que se operou a tradição material dos mesmos, ela justificante, já possui em nome e interesse próprios os prédios em causa tendo sempre sobre eles praticado todos os atos materiais de uso e aproveitamento agrícola, tais como, amanhando-os semeando-os, cultivando-os, colhendo os produtos semeados, designadamente trigo, aproveitando, assim deles todas as suas correspondentes utilidades e pagando todas as contribuições e impostos por eles devidos, agindo sempre como sua proprietária, quer na sua fruição, quer no suporte dos seus encargos tudo isso realizado a vista de toda a gente, sem qualquer ocultação de forma continuada, ostensiva e ininterrupta desde o seu início, sem qualquer oposição ou obstáculo de quem quer que seja e sempre no convencimento de o fazer em coisa própria, tendo, assim, mantido e exercido sobre os identificados prédios, durante mais de vinte anos e com o conhecimento da generalidade das pessoas vizinhas, uma posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio, pelo que adquiriu os citados prédios por **usucapião**, que expressamente invoca para justificar o seu direito de propriedade para fins de primeira inscrição no registo predial, direito esse que pela sua própria natureza não pode ser comprovado por qualquer título formal extrajudicial.

Extraí a presente certidão de teor parcial que vai conforme o seu original, e na parte omitida nada há em contrário que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

26.12.2013,
A Conservadora, Ana Paula Pinto Filipe da Costa

Quintinha do Manel

Rua Tenente Aviador Melo Rodrigues
Carrazeda de Ansiães

Restaurante, Pensão / Residencial

278617487

Especialidades da Casa:
Carrys:
Veado, Javalí, Coelho Bravo, Perdiz e Arroz de Lebre
Peixes:
Polvo, Bacalhau, Enguias, e Peixinhos do Nosso Rio

Agência: TOTOBOLA - TOTOLOTO
ESPLANADAS DE LAZER
E PAISAGENS ESPECTACULARES

Restaurante
CALÇA CURTA

Telef. 278 685 255
5145-133 TUA

DELÍCIA DE ANSIÃES

Rua Jerónimo Barbosa | 5140-077 Carrazeda de Ansiães

● 965 307 759 ● 278 108 717

Fabrico Próprio

- ✓ Bolos de Casamento
- ✓ Batizado
- ✓ Aniversário
- ✓ Pastelaria Variada
- ✓ Variada gama de pão
- ✓ Fofares
- ✓ Pizzas
- ✓ Cachorros
- ✓ Hamburger

DOCES DA PURI

Puri Fernandes

Beco do Jaime, 30
5140-182 Parambos
Carrazeda de Ansiães
Trás-os-Montes

Telf.: 278 685 233
E-mail: dapuri@hotmail.com
<http://docesdapurietc.blogspot.com/>
<http://www.facebook.com/DocesdaPuri>

OLHA QUEM FALA?!...



Manuel Pinto

Hoje a minha participação aqui no nosso jornal do Pombal, tem um significado diferente do habitual. Isto porque já colaborei com muitas direcções, através do tempo e sempre com muito gosto e prazer. Sabem os leitores, que os meus escritos são a tradução livre do que penso e sinto sobre os diversos problemas e temas abordados.

Hoje sei como é difícil estar em harmonia com a comunidade que nos rodeia. Problemas há de vária ordem e desculpas para fugir às promessas feitas, ainda mais. Depois temos o Facebook para dizer o que pensamos, e o que andamos a fazer no dia a dia. Uns mexericos que fazem lembrar velhos tempos de soalheiro, em qualquer aldeia do concelho, mendigando os raios de sol, que os minutos vão consumindo. E se cada um vale o que vale, as circunstâncias para apurar e classificar esse valor são iguais? O tempo não é por si só o melhor conselheiro? Pois bem o meu tempo já passou e estou satisfeito e grato á vida por isso. Diz o povo que não há uma sem duas e duas sem três. Eu já tive a minha dose e disso estou vacinado. Eu explico: - Um dia a gozar a minha reforma e a tratar da vinha e do olival, pensei nos lavradores, nos problemas que enfrentam com o escoamento das suas colheitas. Uma forma fácil seria fundar uma firma comercial, comprar as uvas, ou vinho, as azeitonas ou o azeite a preços baratos e depois arranjar mercado e vender pelo dobro ou triplo, como acontece geralmente com os intermediários. Ou tentar ajudar, formando uma equipa de trabalho, para gerir a Cooperativa Agrícola de Carrazeda, nomeadamente na comercialização de produtos para a lavoura, adubos, pesticidas etc.etc. e o azeite produzido no lagar. Tal não foi possível e surgiu assim a primeira vez.

Na segunda, aliado a amigos e porque a área da política é ainda um campo

onde dá gosto jogar, aceitei o desafio. Porém o povo eleitor fez questão em dizer que mal me conhecia, sendo um filho da terra. Bom, deixa passar os dias e o sol chega no dia seguinte, graças a Deus, não tinha nada a perder. Foi com este pensamento que concordei em fazer um frete, recordando 30 anos atrás em que fui um dos elementos fundadores do PS em Carrazeda, que aceitei de novo o desafio de visitar algumas aldeias, falar ao povo e ouvir o que eles diziam.

De consciência tranquila, cara lavada e gozando o prazer de apanhar a azeitona, que irá dar bom azeite como habitualmente, ter a alegria de beber vinho com 13º da Touriga Nacional, da minha colheita. Deixar passar os dias, passear na IC5 e no IP2, ter tempo para verificar que há Ruas em Carrazeda, que não têm nome, nem placa que tal indique. Que há placas diferentes, conforme a zona ou a disposição da Comissão de Toponímia da freguesia. Ter tempo para sorrir com o Presidente da Câmara e falar no sonho de um projecto que iria beneficiar os “pequenos agricultores, produtores de uvas” numa **Sociedade Anónima de Responsabilidade Ilimitada**, que nasceu um dia na cabeça de uns iluminados e de uma agência que tratava da papelada e da organização da dita, coisas...

Amigos, viajar é das coisas mais importantes que podem acontecer às pessoas. A terminar, convido os leitores para viajarem comigo à ALDEIA MODELO, onde a ousadia e a indiferença, ocupam os primeiro lugares. Espero iniciar em Janeiro esta aventura. Tenham um Feliz Natal e um Bom Ano Novo, sorriam e façam por ser felizes.

Manuel Barreiras Pinto, - 19/12/13

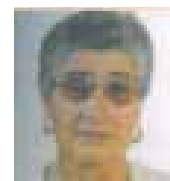


EDP Distribuição renova a rede de Baixa Tensão no lugar e Freguesia de Vieiro, Concelho de Vila Flor, melhorando a qualidade de serviço disponibilizada aos seus clientes.

A EDP Distribuição, no âmbito das ações de melhoria contínua que vem efetuando nas suas redes energéticas procedeu à renovação da rede de Baixa Tensão que serve a localidade e Freguesia de Vieiro, Concelho de Vila Flor. Este investimento significativo, compreendeu a renovação da rede elétrica em cerca de 2342 metros, possibilitando a substituição por cabo troçada isolado,

de um extenso troço de rede aérea de cobre nu que já apresentava fragilidades mecânicas, originando avarias em presença de condições atmosféricas adversas.

A nova rede em condutores isolados é mais robusta e de secção adequada, perspectivando melhor qualidade de serviço e permitindo uma maior flexibilidade na exploração da rede de baixa tensão, possibilitando reconfigurações alternativas de alimentação aos clientes, garantindo sempre, a observância dos níveis de tensão regulamentares, ficando também garantida reserva de potência para fazer face a futuros aumentos de consumos.



Zulmira de Jesus Ribeiro

Nasceu a 28/03/1943

Faleceu a 01/12/2013

Faleceu

A Sra. Zulmira de Jesus Ribeiro, sócia n.º 436, de 70 anos de idade.

A família vem por este meio agradecer a todas as pessoas amigas que a acompanharam à sua última morada ou que de qualquer modo lhes testemunharam o seu pesar.

Paz à sua alma.

A Direcção da ARCPA envia os mais sentidos pêsames à família enlutada.

Jornal "O Pombal" n.º 202 de 31 de Dezembro de 2013



Conservatória dos Registos Civil, Predial e Comercial e Cartório Notarial de Carrazeda de Ansiães

Certifico, para fins de publicação, nos termos do art.º 100º do código do notariado, que por escritura de justificação notarial, outorgada neste cartório notarial, em 21/11/2013, lavrada a partir de folhas sessenta e duas, respectivo livro de notas número setenta e um - C,

Manuel Gomes de Oliveira, NIF 127 809 970, e mulher **Georgina da Conceição Morais Oliveira**, NIF 162 959 257, casados sob o regime da comunhão de adquiridos, naturais da ela da freguesia de Palheiros, concelho de Murça, e ele freguesia de Pereiros, concelho de Carrazeda de Ansiães, onde residem na Rua Cândido dos Reis, n.º 81, declararam: Que, com exclusão de outrem, são legítimos possuidores dos seguintes bens imóveis, situados no concelho de Carrazeda de Ansiães, ainda não descritos na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães, que totalizam o valor patrimonial de € 5929,94:

a) **Freguesia de Pereiros:**

Um) prédio urbano composto de casa de dois andares, com a área coberta de trinta metros quadrados, sito na Rua da Portela, a confrontar do norte e sul com a rua, do poente com António Ferreira e do nascente com João Machado, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 149, com o valor patrimonial de € 600,00, igual ao que lhe atribuem;

Dois) prédio rústico composto de terra para horta com oliveiras, castanheiros e uma fragada com toucos de castanho bravo, com a área de nove mil quatrocentos e noventa e cinco metros quadrados, sito no Vale dos Olmos, a confrontar do norte e poente com Elisa Araújo Trigo Moutinho, do sul com Maria Augusta Morais e do nascente com Isabel Júlia, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 680, com o valor patrimonial para efeitos de IMT de € 626,46, igual ao que lhe atribuem;

Três) prédio rústico composto de terra para centeio com castanheiros, com a área de mil e vinte metros quadrados, sito no Castelo, a confrontar do norte, sul e poente com Elisa Araújo Trigo Moutinho e do nascente com Fernando Augusto Campião, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 875, com o valor patrimonial para efeitos de IMT de € 61,89, igual ao que lhe atribuem;

Quatro) prédio rústico composto de terra para centeio com castanheiro e uma fragada para pastagem, com a área de mil e oitocentos metros quadrados, sito na Fonte Quente, a confrontar do norte e sul com João Moisés Rodrigues, do nascente com Joaquim Veiga Martins e do poente com João Eduardo Calisto, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 884, com o valor patrimonial para efeitos de IMT de € 57,47, igual ao que lhe atribuem;

Quinto) prédio rústico composto de pinhal com uma fragada para pastagem e vinha, com a área de doze mil trezentos e vinte metros quadrados, sito no Outeiro dos Ratos, a confrontar do norte e nascente com Célia Araújo Trigo Moutinho, do sul com herdeiros de João Eduardo Calisto e do poente com herdeiros de João Euzébio de Carvalho, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 1022, com o valor patrimonial para efeitos de IMT de € 489,40, igual ao que lhe atribuem;

Sexto) prédio rústico composto de terra para centeio, com a área de duzentos metros quadrados, sito no Eivado, a confrontar do norte, poente e sul com caminho e do nascente com António Borges, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 1307, com o valor patrimonial para efeitos de IMT de € 4,42, igual ao que lhe atribuem;

Sétimo) prédio rústico composto de terra para horta, com a área de cento e oitenta metros quadrados, sito no Quintal da Portela, a confrontar do norte com herdeiros de António Ferreira Ramos, do poente com César Augusto Fidalgo, do

sul com caminho e do nascente com rua, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 1408, com o valor patrimonial para efeitos de IMT de € 101,24, igual ao que lhe atribuem;

Oitavo) prédio rústico composto de olival, com a área de dois mil quatrocentos e cinquenta metros quadrados, sito na Quebrada, a confrontar do norte com Sociedade Clemente Meneres, Lda, do poente com Sebastião Fernandes, do sul com herdeiros de João Eusébio Carvalho e do nascente com Joaquim Veiga Martins, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 1421, com o valor patrimonial para efeitos de IMT de € 696,75, igual ao que lhe atribuem;

b) **Freguesia de Amedo e Zedes:**

Nono) prédio rústico composto de terra de centeio, horta e fragada, com a área de vinte e seis mil e quinhentos metros quadrados, sito no Termo, a confrontar do norte com Elisa Araújo, do poente com Joaquim Martins, do sul com Isabel Tília e do nascente com caminho, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 837 (anteriormente inscrito sob o artigo 119 da extinta freguesia de Zedes), com o valor patrimonial para efeitos de IMT de € 2230,39, igual ao que lhe atribuem;

Décimo) prédio rústico composto de terra de horta, com a área de mil e duzentos metros quadrados, sito no Termo, a confrontar do norte com César Augusto Fidalgo, do poente e sul com caminho e do nascente com Joaquim Lopes Oliveira, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 845 (anteriormente inscrito sob o artigo 123 da extinta freguesia de Zedes), com o valor patrimonial para efeitos de IMT de € 1061,92, igual ao que lhe atribuem.

Que, entraram na posse dos indicados prédios no ano de mil novecentos e oitenta e dois, já no estado de casados, por partilha meramente verbal que nunca foi reduzida a escritura pública, feita em dia e mês que não podem precisar por óbito de António Manuel de Oliveira, que foi casado com Ana Gomes e residente na dita freguesia de Pereiros.

Que, deste modo não possuem título formal que lhes permita registar na aludida Conservatória do Registo Predial os identificados imóveis, todavia, desde o citado ano, data em que se operou a tradição material dos mesmos, eles justificantes, já possuem, em nome e interesse próprios, os prédios em causa, tendo sempre sobre eles praticado todos os atos materiais: nos prédios rústicos de uso e aproveitamento agrícola, tais como, amanhando-os, semeando-os, cultivando-os, colhendo os seus frutos, e no prédio urbano de conservação, uso e aproveitamento, tais como, fazendo as necessárias obras de limpeza e conservação, a expensas suas, desde então utilizando-o como casa de arrumos, cuidando-o, nele guardando os seus haveres e demais pertences, aproveitando, assim, deles todas as suas correspondentes utilidades e pagando todas as contribuições e impostos por eles devidos, agindo sempre como seus proprietários, quer na sua fruição, quer no suporte dos seus encargos, tudo isso realizado à vista de toda a gente, sem qualquer ocultação, de forma continuada, ostensiva e ininterrupta desde o seu início, sem qualquer oposição ou obstáculo de quem quer que seja e sempre no convencimento de o fazerem em coisa própria, tendo, assim, mantido e exercido sobre os identificados prédios, durante mais de vinte anos e com o conhecimento da generalidade das pessoas vizinhas, uma posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio, pelo que adquiriram os citados prédios por **usucapião**, que expressamente invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de primeira inscrição no registo predial, direito esse que pela sua própria natureza não pode ser comprovado por qualquer título formal extrajudicial. Extraí a presente certidão de teor parcial que vai conforme o seu original, e na parte omitida nada há em contrário que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita. 21.11.2013. A Conservadora, (Ana Paula Pinto Filipe da Costa) Conta registada sob o n.º 722.

Jornal "O Pombal" n.º 202 de 31 de Dezembro de 2013



CARTÓRIO NOTARIAL

ALAMEDA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA NÚMERO 8

MACEDO DE CAVALEIROS

Notária Lic. Ana Maria Gomes dos Santos Reis

Certifico para efeitos de publicação que por escritura lavrada neste Cartório Notarial no dia dez de Dezembro de dois mil e treze, no livro de notas duzentos e sessenta e dois traço A com início a cinquenta e cinco **MARIA GUIOMAR MATOS ANDRADE**, (N.I.F. 179 020 234) e marido **ROGÉRIO FERNANDES DE ANDRADE**, (N.I.F. 102 576 920), casados sob o regime da comunhão de adquiridos, ambos naturais da freguesia de Pombal, concelho de Carrazeda de Ansiães, residentes na Rua Dr. Leonardo Coimbra, n.º255, 1.º, em Ermesinde, se declararam com exclusão de outrem, donos e legítimos possuidores do seguinte:

UM) Prédio rústico composto de terra com oliveiras, sito no lugar de "Concelho", freguesia de Pombal, concelho de Carrazeda de Ansiães, inscrito na matriz sob o artigo 1.191, com o valor patrimonial de 28,73 €, a que atribuem igual valor, descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães sob o número cento e sete, freguesia de Pombal.

DOIS) Três quartos indivisos de um prédio rústico composto de horta, terra de centeio, vinha, e árvores de fruto, sito no lugar de "Trajano" ou "Trogano", freguesia de Pombal, concelho de Carrazeda de Ansiães, inscrito na matriz sob o artigo 777, com o valor patrimonial total de 23,34 €, correspondente à fracção o valor de 17,51 €, a que atribuem igual valor, descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães sob o número oitocentos e sete, freguesia de Pombal, com inscrição de um quarto a favor de Albino Augusto Beira, viúvo, residente em Pombal, Carrazeda de Ansiães, sem outra inscrição.

TRÊS) Prédio rústico composto de horta, com a área de cento e oitenta metros quadrados, sito no lugar de "Bragado", freguesia de Pombal, concelho de Carrazeda de Ansiães, inscrito na matriz sob o artigo 880, com o valor patrimonial de 6,14 €, a que atribuem igual valor, a confrontar do norte e poente com Ribeiro, de sul com Artur F. Sousa, e de nascente com Luís Alípio Coelho, omissão na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães.

QUATRO) Metade indivisa de um prédio rústico composto de terra de trigo, horta e vinha, sito no lugar de "Bragada" ou "Bragado", freguesia de Pombal, concelho de Carrazeda de Ansiães, inscrito na matriz sob o artigo 881, com o valor patrimonial total de 17,06 €, correspondente à fracção o valor de 8,53 €, a que atribuem igual valor, descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães sob o número oitocentos e doze, freguesia de Pombal, com inscrição de metade a favor de João Augusto Matos, casado, residente em Pombal, Carrazeda de Ansiães, sem outra inscrição.

CINCO) Prédio rústico composto de terra de centeio, bacelos, lameiro e pinhal, com a área de três mil e setecentos metros quadrados, sito no lugar de "Espinhosa", freguesia de Pombal, concelho de Carrazeda de Ansiães, inscrito na matriz sob o artigo 942, com o valor patrimonial de 8,08 €, a que atribuem igual valor, a confrontar do norte e nascente com Caminho, de sul com Mário Felgueiras, e de poente com Herdeiros de Maria Engrácia, omissão na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães:

SEIS) Prédio rústico composto de vinha com videiras, árvores de fruto, e pastagem de cabras, com a área de três mil e quinhentos metros quadrados, sito no lugar de "Portela", freguesia de Pombal, concelho de Carrazeda de Ansiães, inscrito na matriz sob o artigo 2.389, com o valor patrimonial de 34,42 €, a que atribuem igual valor, a confrontar do norte, nascente e poente com Caminho, e de sul com Luís António Areias, omissão na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães:

Que apesar do prédio descrito na verba UM, estar inscrito, a favor de Albino Pinto e mulher Maria Isabel de Castro, que foram residentes em Pombal, já falecidos, pela Apresentação Três, de vinte e sete de Dezembro de mil novecentos e oitenta e oito, todos os prédios atrás referidos, são pertença dos justificantes, na indicada proporção, porquanto.

Em dia e mês que não pode precisar, mas que foi há mais de vinte anos, os justificantes adquiriram os referidos prédios, o descrito na verba UM, por compra verbal aos titulares do registo, aquisição que ocorreu por volta do ano de mil novecentos e oitenta e seis, e os restantes por doação verbal que lhes foi feita já no estado de casados pelos pais da justificante mulher, João Augusto Matos e mulher Lídia Augusta Nicolau, já falecidos, residentes em Pombal, Carrazeda de Ansiães, aquisição que ocorreu por volta do ano de mil novecentos e noventa e dois, que nunca reduziram a escritura pública.

Que deste então, portanto há mais de vinte anos, passaram os justificantes a possuir os mencionados prédios, os fraccionados numa situação de comosse com os compossuidores atrás referidos os titulares do registo de aquisição e os herdeiros de João Augusto Matos, no gozo pleno das utilidades por eles proporcionadas, cultivando-os colhendo os seus frutos, considerando-se e sendo considerados como seus únicos donos, na convicção que não lesavam quaisquer direitos de outrem, tendo a sua actuação e posse sido de boa fé, sem violência e sem oposição, ostensivamente e com conhecimento da generalidade das pessoas que vivem na freguesia onde se situam os referidos prédios.

Que essa posse em nome próprio, pacífica, contínua e pública, desde há mais de vinte anos, conduziu à aquisição daqueles prédios por usucapião, que expressamente invocam, justificando o seu direito de propriedade para efeitos do registo dado que esta forma de aquisição não pode ser provada por qualquer outro título formal extrajudicial. Está conforme o original. Macedo de Cavaleiros, dez de Dezembro de dois mil e treze. A Notária

CEIA DOS IDOSOS

Mantendo a tradição, a Câmara Municipal de Carrazeda de Ansiães organizou uma ceia destinada aos idosos, a qual teve uma primeira parte cultural.

Pouco passavam das 15.00 horas quando começou a “Tarde Cultural”, tendo nela participado vários grupos que, com danças ou canções foram criando um ambiente festivo. Por intermeio, foi servido um lanche composto por doçarias próprias da época natalícia.

Os presentes, iam dando bastante atenção ao espetáculo preparado para animar a tarde mas, em simultâneo, iam aproveitando para conversar com amigos de outras localidades e que só neste tipo de atividade têm oportunidade de rever. Contam-se novidades, recordam-se tempos idos, matam-se saudades e, este é um dos aspetos mais positivos deste evento: manter o convívio entre pessoas de uma geração que já contribuiu bastante para a sociedade e que agora pode usufruir de um merecido descanso que, com animação dispõe melhor.

Chegado ao fim a parte cultural foi servida a ceia, servida a uma hora adequada para os presentes, tendo em conta a sua idade.

A seguir, quem ainda dispõe de capacidades físicas, porque as anímicas sozinhas já não bastam, pôde dar um passo de dança, lembrando que, na sua juventude os bailes nas festas e romarias eram um dos poucos momentos de descanso do trabalho árduo que lhes marcou a vida.

As quase cinco centenas de participantes é prova inequívoca do envelhecimento da população do concelho mas, o mais importante, é que haja quem continue a não se esquecer desta camada etária cuja juventude pouco ou nada teve do que a juventude atual pode usufruir e, nunca é tarde para fazer algo para tornar as pessoas felizes.



O Natal vivido pela comunidade educativa

Como já vem sendo tradição, o final do 1.º Período do atual ano letivo ficou marcado por uma série de atividades alusivas à época natalícia, para além de outras que serviram para criar um ambiente mais festivo. O programa organizado para este dia foi bem diversificado e conciliou a tradição com a novidade.

Porque a época natalícia assim o impunha, a abertura dos “festejos” foi feita com a celebração de uma missa presidida pelo Padre Humberto Coelho e (re)uniu toda a comunidade educativa. O Agrupamento de Escolas 658 participou na Eucaristia, acompanhando-a com cânticos.

Da Homilia, destacamos a mensagem deixada pelo Padre Humberto que usou uma imagem muito bem conseguida. Fez, por conseguinte, uma analogia entre as negativas (sinal menos) que os alunos podem obter no final do período, fruto da falta de empenho pelos estudos e as ações incorretas (com sinal menos) que cada um de nós pode ter para com os outros. Em ambos os casos esses sinais menos devem ser evitados. Apelou para que o período de interrupção das atividades letivas fosse aproveitado para se refletir sobre o que convém mudar nas atitudes e comportamentos.

Finda a eucaristia seguiu-se um momento há muito esperado: a entrega dos diplomas de excelência entregues a todos os alunos que no ano letivo anterior se destacaram pelo seu excelente aproveitamento escolar. Tratou-se de um momento importante quer para os alunos quer para os respetivos pais/encarregados de educação. O sentimento

que imperou naquele momento foi de orgulho, no bom sentido, sendo a prova de que quem se empenha e leva a “vida de estudante” a sério vê o seu esforço premiado.

De seguida, num ambiente mais descontraído foi apresentada uma passagem de modelos, que foi muito bem recebida pelos alunos que vibravam cada vez que era anunciado mais um par para desfilar e aplaudiam os seus “ídolos” (colegas, amigos), criando um ambiente de são convívio, misturado com todo o glamour dos “modelos” que se esmeravam por dar o seu melhor.

O início da tarde esteve reservado aos alunos do pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico com a apresentação de canções e algumas coreografias alusivas ao Natal e, finalmente, surgiu o Pai Natal que fez as delícias dos mais novos, ávidos de curiosidade por descobrirem quem era que representava aquela personagem “mistério”. O espírito de Natal estava presente no Polivalente da escola: nas decorações, nas canções, nos embrulhos, nos risos, nas palmas. Entretanto, no Polidesportivo decorriam algumas atividades desportivas para os alunos dos outros níveis de ensino.

A festa chegava ao fim e nada melhor que disfrutar de um apetitoso lanche para retemperar as forças dispensadas ao longo de um dia tão bem passado. Depois...depois vieram as despedidas entre colegas que se manifestavam numa clara atitude de bom companheirismo. As férias iam começar...até para o ano!

Que o novo ano seja marcado por muitos sucessos para o Agrupamento de Escolas de Carrazeda de Ansiães pois isso significará também sucesso para toda a comunidade educativa.



Fátima Santos

As tradições do Natal como património Imaterial



O interesse pelo património imaterial tem despoletado nos últimos anos para a comunidade científica, mas também para as populações, que pretendem preservar e conservar a memória e “know-how”, características da sua identidade. Esta prática de se manter e preservar a tradição é mais explícita, no nosso entender, nas épocas festivas como por exemplo no Natal.

O Natal é a celebração do nascimento do menino Jesus, da união familiar, do reencontro de amigos distantes há longa data, de reflexão, do perdão, etc. É exatamente por haver essa união e proximidade dos mais velhos com os mais novos, que há uma transmissão de conhecimentos, no que diz respeito às tradições orais; na hora de contar uma história de Natal, cantar uma canção natalícia, ou mesmo jogar um jogo que em nada se assemelha aos jogos tecnológicos que tanto atraem os mais jovens (e adultos também) na atualidade.

No que à religiosidade diz respeito, há a montagem do presépio no início do mês de dezembro quer nas capelas e igrejas como nas nossas casas, que se mantem até aos Reis.

É uma forma de ter presente que esta é a quadra de celebração do nascimento do menino (do salvador). É infelizmente, uma tradição que tende a perder-se com o passar dos anos, visto que a sociedade contemporânea apenas tem em vista a ideia da troca das prendas e se torna cada vez mais consumista. Estarão os valores a perder-se mesmo no que ao Natal diz respeito? Transformações da própria evolução das sociedades, talvez...

Há ainda na nossa ruralidade tradições que se preservam e que pertencem a toda a comunidade, uma vez que, para a sua realização é necessária a participação de todos, é o caso da queima do “madeiro”, grande aglomerado de toros e lenha que se coloca na praça principal, na noite de consoada ateando-se o fogo para que os mais friorentos se possam aquecer no calor da confraternização. Esta grande fogueira fica a arder se o tempo o permitir, até aos Reis, dia em que termina toda a celebração e se principia uma nova etapa. O cantar dos Reis ou como se costuma dizer, das Janeiras é o culminar da época festiva do Natal, tanto que no nosso país vizinho a troca de prendas

só se efetua neste dia, que é realmente o dia em que Gaspar, Belchior e Baltazar fizeram as oferendas ao menino.

Falta-nos fazer uma referência fundamental, a gastronomia, que é tão especial e tão única nesta época do ano. É a tradição dos doces como os Sonhos, as filhoses, os bolos de abóbora e de chila, as rabanadas, e tantas outras perdições. Também aqui há uma tradição que é necessário manter, as receitas que já eram da avó da avó, e que ainda fazem as delícias de crianças e adultos, da família e amigos.

Para além das celebrações há muito trabalho envolvido que inclui toda a família, e ainda por cima a apanha da azeitona efetua-se nesta altura do ano. Trabalho árduo que se concilia com todos os trabalhos da quadra

Para concluir, podemos dizer que o património imaterial é uma parte integrante da nossa vivência e nos acompanha ao longo da vida, seja na aquisição de conhecimentos ancestrais como as tradições natalícias, ou na aprendizagem de novos conteúdos no dia-a-dia.



NIF 500 798 001

ASSOCIAÇÃO RECREATIVA E CULTURAL DE POMBAL DE ANSIÃES
Pessoa Colectiva de Utilidade Pública
Sócio da Federação Nacional das Associações Juvenis
Sócio da Confederação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio
Sócio do INATEL – CCD 227
Proprietária do Jornal **O POMBAL**

AVISO

PAGAMENTO DE QUOTIZAÇÕES / JORNAL 2014

Avisam-se os associados que já estão em pagamento as quotizações e o envio do Jornal, referentes ao ano de **2014** e anteriores, pelo que aqueles que pretendam regularizar a sua situação, já o podem fazer. Para o efeito, poderão dirigir-se à sede da ARCPA, junto do Tesoureiro, ou ainda através de Vale de Correio ou Transferência Bancária.

Dado ser uma receita importante e necessária para a ARCPA, desde já, agradecemos o seu pagamento.

Liliana Marta Baltazar Lima Carvalho
Presidente da Direcção